

O MAUSOLEU D'HYDER ALI.

TAMBEM a India moderna teve seus heroes: com effeito appresentou homens cujas acções encheram paginas das gazettas europeas. Sem fallarmos de Nadir-Shach, e de Tipoo-Saib, e de Randijit-Sing (*), limitar-nos-hemos a uma breve noticia de Hyder-Ali, porque a nossa gravura representa o edificio, que serve de jazigo a este aventureiro intrepido. Começou como soldado ao serviço do rajá de Mysore em 1749, e subindo os diversos gráus da milicia chegou dahi a dez annos a tomar o mando supremo dos exercitos do seu soberano: o rajá veio a ser um instrumento passivo da sua vontade; e Hyder depois de se apossar das attribuições e vantagens de primeiro ministro, estipulou uma pensão a seu amo primitivo, e em 1761 era já o principe, o regedor, o dono do estado de Mysore, sem que ninguem ousasse disputar-lhe o dominio. Desde essa epocha pôz os maiores esforços, com bem succedida diligencia, para augmentar o seu poder. As usurpações que fazia motivaram uma alliança offensiva e defensiva entre os maratás, o Nizam de Decan, e a companhia ingleza das indias; porem taes meios destramente excogitou que conseguiu desfazer a confederação, e empenhar o Nizam n'uma guerra contra os seus anteriores alliados britannicos em 1767. Com poucas vantagens peleijaram os inglezes, por dois annos, até que por fim Hyder-Ali, mediante um daquelles rasgos felizes e ousados, que o pozeram no supremo poder, e que eram filhos do seu natural talento, perspicacia, e actividade, habilitou-se para dictar as condições da paz: por uma serie de artificiosas e bem combinadas operações militares, attrahiu a força das tropas inglezas a grande distancia da capital de suas colonias, Madrasta, e então marchando subitamente com 6:000 cavallos, ganhando mais de cem milhas em tres dias, appare-

ceu nas immedições da cidade, causando grande consternação em seus habitantes: não podia conquistar a fortaleza, mas a cidade aberta, cheia de immensas riquezas, estava á sua disposição: o resultado foi acceitarem-se as estipulações que propoz o caudilho indio; a saber, mutua restitução das conquistas, e alliança e reciproco auxilio nas guerras defensivas.

Transcreveremos agora fielmente as palavras de um jornal inglez de 26 de Outubro de 1839. — Este tratado [facto que não pôde negar-se nem explicar-se] foi em suas bases violado pelos nossos compatriotas, porque no seguinte anno Hyder foi atacado pelos maratás e redusido a grau de apuro; e posto que as suas reclamações foram tão incessantes quanto era urgente a sua necessidade, não pôde obter o auxilio solememente promettido; deixaram-no entregue a seus proprios recursos, e consequentemente foi obrigado a concluir um ajuste de paz desvantajoso em 1772. Restaurou porem as perdas em 1774, aproveitando-se das dissensões dos maratás, e de esse anno até 1778 applicou-se a restabelecer a boa ordem, a augmentar o publico rendimento, e a fortalecer a preponderancia do estado de Mysore. Os maratás o perseguiram de novo e com grande força, tentou por isso conciliar a vontade e adquirir soccorro dos inglezes, mas viu inutilizadas as suas tentativas; por isso, quando mais desapressado de inimigos, em 1780 entrou com grosso exercito pelo Carnatic, onde os inglezes o não esperavam, nem para o receber estavam aparelhados, conscios ao mesmo tempo de que, em virtude do procedimento passado, não deviam contar senão com hostilidades. As tropas de Hyder montavam a 100:000 mil homens, commandados em parte por officiaes europeus, sufficientemente disciplinados e com 100 peças de artilheria. Todo o paiz foi invadido até

(*) Vid. o retrato e biographia a pag. 60 do 2.º vol.

quasi os suburbios de Madrasta, e os povos que estavam desgostosos do governo combinado do nababo e dos inglezes, consideraram Hyder como salvador, do que procedia o ser este bem informado de quaesquer movimentos dos seus contrarios; por isso nunca se empenhou em batalhas campaes, receando competir com a disciplina das tropas britannicas; cançava-as porem com ataques fingidos, contramarchas e outros stratagemas, ora interceptando um comboy, ora tomando de improviso um destacamento; aqui soffrendo perdas parciaes, e acolá pela celeridade das marchas tomando alguma povoação ou forte importante; em summa, este systema de guerra fugaz e salteada privava os inglezes do mais importante recurso, os alimentos. Facilitava a execução da sua tactica a muita quantidade de cavallaria ligeira, que em seu serviço trazia. Tal foi o apuro, e tão crescidos eram os estragos, que Lord Macartney em 1782 offereceu condições de paz, cedendo ás inquietações e flagellos, que lhe occasionavam as campanhas ousadas de Hyder-Ali; a resposta deste foi uma indirecta rejeição, incluindo aspera censura da violação dos tratados anteriores, como se lê nos escriptos inglezes. No anno immediato continuou a guerra, e com iguaes resultados. Os francezes, que então se achavam em posição hostil contra os inglezes, favoreceram o animoso guerreiro indio: seguiu-se que os incessantes acomettimentos de Hyder-Ali obrigaram a encerrarem-se no recinto de Madrasta nuvens de povo; motivo certo de fome, e provavel de pestilencia: os de Madrasta viram-se obrigados a queimar os cadaveres, que por semana eram nada menos de mil e duzentos, e ás vezes subia o numero a mil e quinhentos. Parecia imminente e inevitavel a ruina do grande estabelecimento britannico; mas as circumstancias apertadas mudaram para muito melhor aspecto, morrendo Hyder-Ali, no progresso de sua gloriosa carreira, em Dezembro de 1782: não vimos bem explicitas as particularidades da sua morte, que parece ter sido natural, porque era bastante idoso.

D. ALONZO.

(Continuado de pag. 316)

ANCIADO e esbaforido chegou D. Alonzo, levando nos braços a joia que tão recommendada lhe fôra, á extremidade d'uma abobada baixa e acanhada, que rematava na margem do Eresma, em cujo sitio se disfarçava a entrada com os ramos entretecidos e bastos de medronheiros e outros arbustos, parecendo, quando muito, o covil d'algum animal bravio: o sitio era recondito, e as cercanias estavam desertas. O mancebo reclinou no chão matizado de relva o corpo da senhora, que transportára com tão desvelada fadiga; não tinha ella respirado, ou feito movimento que desse signaes de vida. Contemplando-a como summa afflicção, D. Alonzo exclamou no auge de sua dôr sincera:

— “Está morta! . . . meu Deus e senhor . . . ai que de certo está morta!” . . . — E com effeito D. Isabel; no rosto gelido e côr de cera, e com os braços inertes descabidos ao comprimento do corpo, indicava bem uma pessoa exanime. Terrivel era a crise, e o joven hespanhol, tomado de amoravel compaixão, encostava ao peito, do lado do coração, a cabeça da senhora, applicava os labios áquellas mãos alvas e frias, que entre as suas sustinha, e repetia em voz baixa e enternecida o nome, que a designava, um só nome e sem distincção de familia, o uni-

co que lhe déra a saber a mesma pessoa que por arrogantes precauções lhe causára tamanho desprazer e orgulhoso resentimento.

— “Isabel! [dizia brandamente] Isabel, abre esses olhos formosos, tão meigos e ao mesmo passo tão altivos! . . . Ah quem me diria que neste seio repousarias a cabeça desfalecida! . . . Que terrores porque tens passado, misera donzella, que horrivel noite! . . . Mas quem serás? . . . Que sangue te percorre as veias, e te anima o coração nobre? . . . Haverá homem que já recebesse a mão que bafejo com meu halito. . . . serás a promettida esposa d'algum senhor de Castella? . . . Isabel! como te erguerias despeitosa e irada, se agora me ouvisses. . . . Mas as sombras do final transito te circumdam . . . despedes a alma para melhor região! . . .” —

E a senhora não ouvia; nem sequer sentia nas mãos o halito fervente de D. Alonzo, que junto della inclinado esperava com extrema anciedade vê-la recobrar-se do prolongado e assustador delirio. Emfim, um tenue estremecimento manifestou nella a vida; começou aspirando em lentos suspiros a fresca viração matutina, avivaram-se as pulsações, e a côr de rosa mal distincta espalhou-se pelo rosto desbotado. Mal abriu os olhos, porem fitou a vista embaciada em D. Alonzo: o primeiro olhar parecia um raio de luz amoroso, mas as palpebras afrouxaram; e apenas murmurou: — “Onde me acho, Deus meu! onde estou . . . É esta a habitação das almas bemaventuradas. . . . Minha santa padroeira! anjo da minha guarda, acolhei-me! . . .” — Logo depois a consciencia do existir e as suas recordações lhe acudiram promptamente; a sua alma transpassou as indeterminadas balizas que separam a vida da morte: presentiu que ainda era deste mundo. . . . O mancebo recolhido em espirito observava esta vagarosa gradação, annunciadora do restabelecimento. Quando D. Isabel pela segunda vez abriu os olhos repelliu frouxamente o braço que a sustinha; e sem manifestar descontentamento, nem cholera por tal postura, mas olhando perturbada para os lados, perguntou:

— “E D. Anna? . . . onde está D. Anna? . . .” —

Foi quando D. Alonzo deu pela falta da outra senhora: — Anda ainda nesses medonhos subterraneos, irei busca-la. . . . Mas como vos deixarei aqui só e sem amparo! . . .” —

— “Nada temo agora: [respondeu D. Isabel com voz fraca, mas animados os olhos de coragem e esperanza] ah quanto é bella e resplandecente a luz do dia! Que bem me sinto aqui! Respiro, existo. . . Crêra-me já morta! . . .” —

Retrogradou resolutamente D. Alonzo, e dahi a um quarto d'hora voltou com D. Anna. A primeira acção das duas senhoras foi pôrem-se de joelhos para dar graças a Deus por seu livramento: em quanto ellas oravam, D. Alonzo observava com attenção inquieta o estado da atmosphaera e os carregados vapores, que no ar fluctuavam. A paragem, onde vinha dar o subterraneo, era um matto extremamente fechado, guarnecido pela escarpada ribanceira do Eresma: quasi por todos os lados embaçava a vista nos ramos encadeados dos medronheiros e carvalheiras, entre os quaes n'algumas partes se divisavam pequenas nesgas cubertas de hervas. Serena luz, suave fresquidão amenisavam aquelle retiro, cujo silencio apenas interrompiam os vôos dos passarinhos, que pulando de ramo em ramo espantavam as azas humedecidas do orvalho. Estava o céu de azul celeste, e o sol nascente reluzia no alto da atmosphaera: não obstante isso desenrolava-se pelo valle uma nuvem opaca, cujos escuros novellos

dilacerados pelo vento espalhavam-se como pedaços de veu luctuoso pelas cimas das arvores.

— “Ha fogo nestas visinhanças . . .” — disse sobresaltado D. Alonzo.

E no mesmo momento ouviu-se um rumor confuso e abafado, igual ao que se levanta no remate das florestas ao começar a tempestade; dahi a pouco resoavam ao longe os echos dos sinos.

— “É tocar a rebate! e é em Segovia!” — bradou D. Alonzo; e afastando de mansinho as ramadas abriu caminho por entre a espessura; as duas senhoras o seguiram; mas, quando chegaram á beira do caminho trilhado, em que sinistro espectáculo deram com os olhos! subiam ao ar da casa do conego densos rolos de fumaça, sulcados por longas faxas negras; transbordavam as lavaredas pelo telhado, e seu clarão bago, amortecido pelo esplendor do dia, como que dardejava relampagos d'encontro ás paredes rachadas e a ponto de desabarem. Um troço de tropa rodeava as ruínas, e ouviam-se distinctamente no valle os passos dos cavallos e o tinido das armas. D. Isabel estremeceu, singular animação se lhe espalhou no rosto, um quasi sorriso lhe desabrochou nos labios, estendeu a mão para o valle com gesto de resolução energica e magestosa: todavia tinha perdido a cor.

— “Escutai [disse]: ouvis esses gritos? vedes a gente que rodea a casa? . . . Bem os conheço pelas bandeirolas vermelhas, são soldados de D. Henrique: mas alem pela estrada vem-se adiantando outra tropa, e traz á frente a bandeira de Castella cuberta de luto.” —

E desviou-se do sitio em que estava para debaixo d'um salgueiro annoso, que com a bastidão de seus ramos a occultava: D. Anna em pé e junto della erguia para o céu a vista repassada de terror e perplexidade; D. Alonzo occupava o primeiro lugar, para as proteger e defender. Dalli se descubria, a trezentos passos, a casa do conego, e mais ao longe a estrada que se perdia nas voltas do valle. Em breve, horrído tumulto surgiu desse lado, e o bando que sitiava a casa precipitava-se a encontrar o outro que vinha chegando; gritos rouquinhos, golpes retumbantes sahiam da refrega; tremia a terra batida pelos passos dos homens e cavallos, uma nuvem de poeira e fumo remoinhava por cima do campo da peleja. A principio D. Isabel escutára aquelles sinistros arruídos com avida curiosidade; ouvindo as encontradas aclamações, e o violento embate dos batalhadores, erguera-se arrogante, cheia de ardimento e enthusiasmo; mas quando viu cahirem homens, quando lhe soaram nos ouvidos os clamores dos feridos, e por toda a parte se lhe appresentava á vista o espectáculo da destruição e exterminio, subitamente se achou penetrada de terror e compaixão.

— “Eis-aqui o que é a guerra! [disse para consigo], ah quanto desejara eu refrear o braço desses homens; quizera dispor de um poder divino para dar paz, a paz perpetua ao mundo! Saiamos daqui, escondamo-nos; não quero ver mais. . .” —

E assentou-se desfalecida ao pé da arvore; e tapando com as mãos a cara, continuou com voz lastimosa.

— “Que não esteja eu agora onde tanto desejava que Deus me guiasse! Que me não veja encerrada n'uma religiosa clausura, onde pudesse pacificamente findar meus dias! Não seria testemunha de tantas infelicidades; nem passaria pelo crisol do infortunio: e tantas angustias, meu Deus, em que virão a parar? . . .” — E desatou em pranto amargo, encostada á sua companheira.

D. Alonzo, entretanto, de olho vivo e palpitando-lhe o coração, seguia os movimentos das turmas dos combatentes, que pareciam confundidas umas com outras e mettidas em uma nuvem de pó, rasgada a intervallos por dispersos relampejos.

— “Que não esteja eu alli! . . .” — exclamou o impetuoso mancebo.

— “Não nos abandoneis, cavalheiro.” — Acudiu logo D. Isabel, lançando-lhe um olhar, em parte supplicante, em parte imperioso. — D. Alonzo ousou tomar a mão que ella estendêra como para o reter, e lhe respondeu. — “Pelo céu vos peço que sereneis o espirito; não temais, senhora; crede-vos aqui segura. Estes ramos d'arvores nos servem de muralha, que a vista lá de fóra não repassa: este matto fechado é mais defeso abrigo que a pousada de meu tio. Com o favor da Virgem Sagrada, a quantos perigos tendes hoje escapado! . . .” —

— “Sem duvida, que teria morrido na passada noite, e morrido no meio do incendio . . . salvastes-me a vida, D. Alonzo: não me esquecerá, se algum dia. . .” —

Aqui interrompeu-se, e pondo no mancebo os olhos penetrantes, accrescentou:

— “Sois talvez ambicioso; na vossa solidão tereis meditado em honras, em grandezas. . . . te-las-heis.” —

D. Alonzo abalou-se interiormente com esperanças orgulhosas e viva alegria: palpitou-lhe o coração, que ainda na vespera estava possuido de outro amor; imaginou que esta nobre donzella se obrigava assim a dar-lhe a mão d'esposa; porque, segundo elle pensava, não teria outro meio de facultar-lhe as grandezas que lhe promettêra.

Houve dilatado silencio. D. Isabel, com os olhos fechados, e a cabeça reclinada sobre o peito, ouvia com temor e curiosidade os gritos furiosos, os golpes amiudados, que retumbavam por aquelles logares. Emfim, gradualmente foi-se apasiguando o tumulto, e resouu na estrada o galope de cavallos.

— “Cessou o combate [disse o mancebo]: os vencidos fogem.” —

Ditas estas palavras, deu alguns passos com precaução, e viu ir a pequena distancia o bando fugitivo em precipitada desordem. — “São os das bandeirolas vermelhas que vão desmandados e rotos. . . [bradou] victoria, victoria pelo pendão de Castella! . . . A tropa vencedora cerca-nos a casa; que-rem entrar a travez do incendio. . . Por Deus e a Virgem Santa! É S. R.^{ma} em pessoa que arrosta com as chammas! . . . E aquelle não é tambem o fidalgo nosso hospede? . . .” —

D. Isabel ergueu-se com subitanea exclamação de alegria.

— “É verdade, . . . é o grão-mestre; [e levantava as mãos ao céu] o valente e leal Pacheco! Acudia a soccorrer-nos; e procura-me por entre o entulho e as ruínas do edificio abrazado.” —

Então largando o abrigo do arvoredado, e sahindo ao caminho com D. Anna e D. Alonzo, prestes foram descubertos pelos que tinham ficado senhores do campo da batalha: o conego e o grão-mestre correram a toda a pressa; e na presença de D. Isabel, ambos curvaram o joelho; sobreveio a tropa toda com estrondosas aclamações; e passaram-se alguns momentos de alvoroço, em que a donzella, commovida por essas demonstrações de affecto, correspondia com agradecimentos aos leaes defensores que acabava de reconhecer.

— “Senhora [disse o grão-mestre], nesta noite os inimigos vinham lançar mão da vossa pessoa, e sendo baldada a sua pesquisa, deitaram fogo á pou-

sada. Tive aviso; parti logo, mas cuidava que já seria tarde. — Que milagre vos extrahiu incolume daquelle brazido ardente? Quem vos salvou?” —

D. Isabel apontou para o céu e olhou para D. Alonzo.

— “Os partidarios de D. Henrique [disse ella ironicamente] pertenderam queimar-me viva: era o meio de rematar promptamente as negociações em que por meu respeito vos tinheis empenhado.” —

— “Estão concluidas, senhora; [respondeu D. João Pacheco] vossa alteza será proclamada herdeira dos dois reinos; terá por apanagio Valhadolid e Segovia: tal é a convenção feita em seu real nome entre os grandes de Castella e D. Henrique.” —

— “Ratifico-a; porem a morte de Affonso ensinou-me qual é a paz que eu deverei celebrar com D. Henrique. Não me julgarei segura senão em as minhas fortalezas, e guardada pelos meus. — Ides sem duvida, D. João, conduzir-me a Segovia.” —

O grão-mestre beijou a mão á infante; e logo erguendo ao ar o chapéu e voltando-se para a tropa, bradou:

— “Castella e Leão pela nossa soberana, D. Isabel! . . .” —

— “Castella e Leão por D. Isabel!” — clamaram os guerreiros; e estas acclamações, repetidas d’echo em echo, retumbaram muito tempo pela deserta campina.

D. Alonzo, turbado e estupefacto, se pozera de lado; e dizia para comsigo: — “A infante D. Isabel! e era quem tinham confiado á minha guar-

da; e que eu transportei desmaiada em meus braços!” —

— “Aqui está a comitiva que hade acompanhar V. A. á cidade de Segovia; [disse o grão-mestre mostrando a tropa] seria mais numerosa se fôra antes do combate: mas ahi nos ficaram jazendo alguns de nossos melhores soldados que se não erguerão até o dia do Juizo.” —

A princeza alongou a vista para o campo alastrado de corpos exanimés; e tendo-se persignado pareceu que dirigia ao Eterno breve e mental oração: depois, voltando-se para o grão-mestre, lhe disse:

— “Quero que se levante uma capella no chão desta casa, onde ha tambem um corpo sem sepultura, as cinzas da misera Catharina, que nas chamas pereceu. Deus seja com sua alma!” —

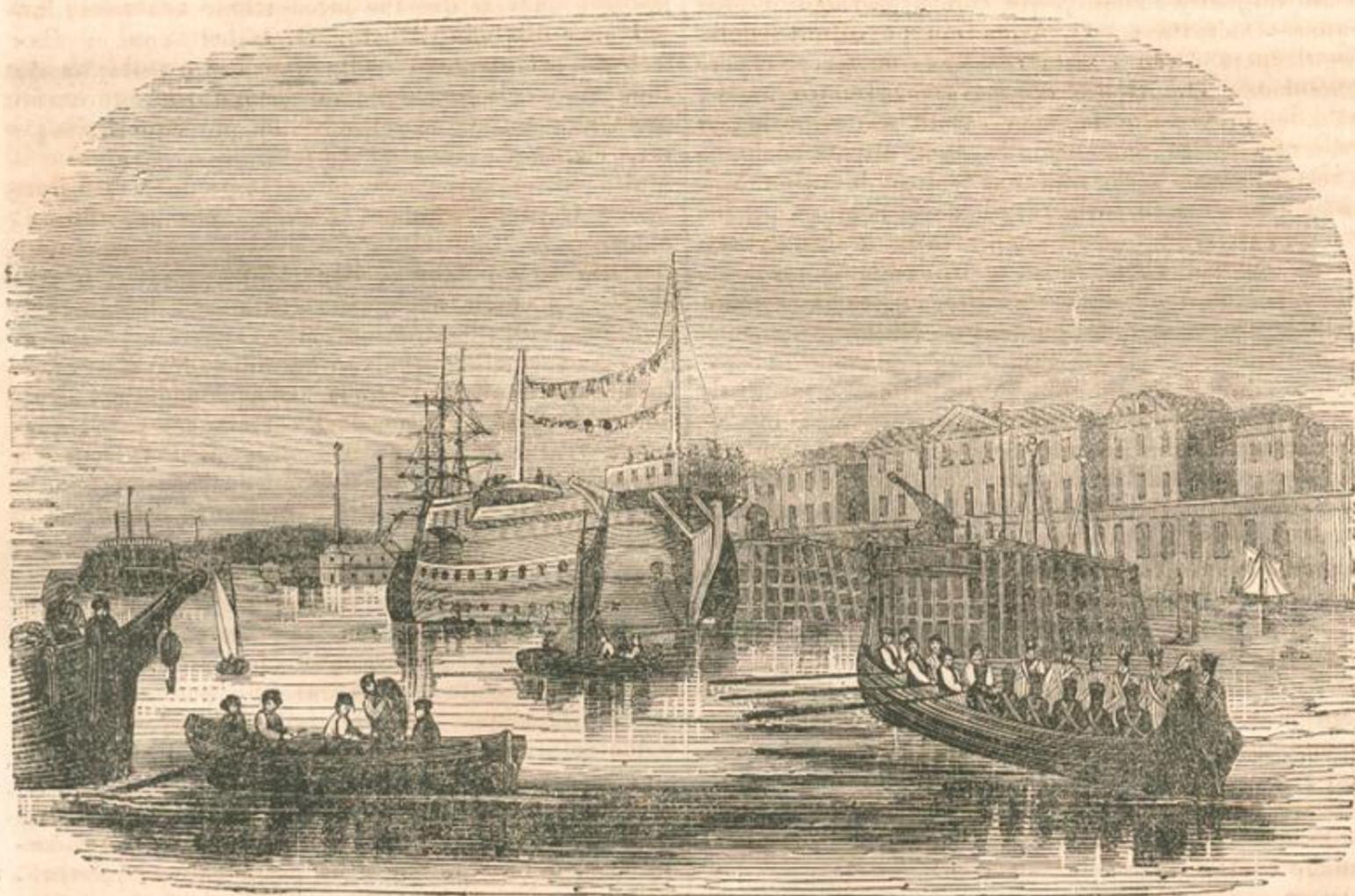
Trouxeram um cavallo para transportar a infante; e o grão-mestre lhe segurou o estribo.

— “O seu logar é ao pé de mim, [disse ella encaminhando a palavra a D. Anna] senhora condeça de Vilhena, eu a nomeio minha camareira-mor.” —

O grão-mestre deixou que tomasse o logar da direita a nova dama d’honor, e passou ao lado esquerdo. Estavam a partir; e D. Isabel nem sequer voltára os olhos para Alonzo, que se mantinha em pé e immovel á beira do caminho: mas na occasião de passar defronte do conego, disse para este: —

— “V. R.^{ma} hade seguir-me até a cidade de Segovia; seu sobrinho D. Alonzo de Gusman o acompanhará.” —

(Continuar-se-ha.)



DIQUES DO ARSENAL DA MARINHA EM DEVONPORT.

QUANDO no 3.^o volume demos a pag. 273 o desenho do famoso *quebra-mar* de Plymouth, seguimos com uma noticia desta cidade, e juntamente das duas contiguas, Stonehouse e Devonport, que posto que

distinctas hoje pela representação civil, estão contudo tão reunidas pelo desmedido accrescimento da povoação, que parece comporem uma só e mui vasta cidade. Nesse artigo dissemos quanto era necessario,

e compatível com o plano deste jornal, respectivamente aos estabelecimentos que a poderosa marinha inglesa de guerra tem em Devonport; se intentassemos agora fazer miudas descrições, quaes se encontram na excellente obra do Sr. Dupin, nem para ellas teriamos campo, nem satisfariamos as pessoas, que não abraçaram profissões maritimas. Pelo que então dissemos, e pelo que os nossos leitores estão diariamente lendo e ouvindo, farão juizo do assombroso poder naval da Graã-Bretanha, e por consequencia de seus arsenaes, estaleiros, diques, arrecadações e officinas respectivas.

Devonport é um braço do porto de Plymouth, e até 1824, data da sua emancipação eleitoral, foi chamada a *doca de Plymouth*: hoje á sua parte comprehende quasi metade da população das tres cidades reunidas. Depois dos estabelecimentos maritimos, o edificio mais notavel é a casa do municipio, bella e espaçosa, com um portico de ordem doricã.—

A respeito das *docas* ou diques lê-se o seguinte na *Guia a Plymouth e Devonport*:— « Quem não tiver conhecimento dos nossos estaleiros e diques, especialmente deste, facilmente formará e colligará as idéas de estrondo e algazarra, capaz de fazer surdos, de massas confusas de madeira e ferro, de um formigueiro de operarios cruzando por toda a parte em continuos encontrões, de muros e edificios deneigrados por vapores sulphureos, de pez, alcatrão, tintas, vernizes, cavacos, aparas, lodo, cousas repugnantes á vista, e que quasi embarçam o chegar ás embarcações. Quem isto imagina ficará desabusado, ao entrar no arsenal de Plymouth: a principio nem elle verá os navios no dique, nem os armazens; e não ouvirá [salvo alguma operação extraordinaria, como a de suspender um navio] a pancada d'um martello: na larga rua que vai desde as portas não achará um cavaco em todo o transito, está tão limpa quanto a podem deixar as infatigáveis vassouras. Ergue-se alli, com apparencia singela porem magestosa a capella para o culto; logo proxima está a casa da guarda, e a sentinella, que pausadamente lhe passeia por diante; poucos individuos encontrará, afóra alguns officiaes da armada, ou empregados do estabelecimento: divisa-se por toda a parte socego, ordem, limpeza. Só quando o visitante chega á fieira de casas em que residem os principaes officiaes, e tem descido um ou dois lanços de escada, que conduzem á área onde estão cavadas as docas e erectos os armazens e os telheiros, conhece a tarefa e andamento dos trabalhos. Alli operam em em varios misteres centos de homens e se completam notaveis obras: a perspicacia do engenho, o braço da industria, e quanto podem produzir a destreza consummada e o constante trabalho, alli se descobrem: o jogo desta machina potente appresenta uma scena de mui complicados exercicios—contudo não ha alli confusão:—cada um está no seu posto; e o espectador é compellido a admirar a boa disposição e os arranjos, que geram tão importantes resultados.»—

Finalmente, para evitar-mos sobre esta materia repetições, remettemos o leitor para o supracitado artigo do vol. 3.^o—

O INFANTE SANTO.

2.^a Parte.

[1438 a 1443].

IV.

QUEM poderá agora descrever os lastimosos succes-

sos que restam para contar? A vida santa e angelicamente soffredora do martyr; os requintes da barbaridade dos infieis; as penas, os trabalhos, as afrontas. . . . Não precisarei para isso tal apuro de côres e finura de pinceis, que fôra gram loucura minha o tentar sequer esboçar as primeiras linhas do quadro. Já, porventura, é demais o que me tenho demorado em ponderar a resignação e paciencia de um lado, d'outro a cruesa e atrocidade. Bem conheço eu que para habilmente e sem enjôo tratar assumpto (*) tão espinhoso, por despido de maiores ornatos mundanos, paixões, movimentos dramaticos, peripecias que interessem e surpresas que arrebatem, bem conheço eu, repito, que fôra preciso talento tanto maior quanto é mais liso, singelo, igual e pouco variado o objecto que escolhi—talento forte, ardente e cheio de abundante vigor e de succos vivazes. Todavia se esses mal alinhavados capitulos que ahi ficam não podem campear—nem eu tenho tal pertença—por formosos; feliz serei se ao menos aos homens probos e sisudos merecer um aceno de aprovação por haver recheado algumas paginas, de resto insulsas, com abundantes exemplos de fé, de constancia, de resignação e de humildade.—São estes os esteios da vida em seculo tão devasso e pobre de crenças: resuscitando-as—pouco importa a fôrma—sou fiel—desculpe-se-me a phrase—sou fiel ao meu programma. É muito, é immenso o que me fica por contar, porem receio, fatigando a paciencia do leitor, colher effeitos contrarios aos que desejára. Resumirei pois n'um só quadro pequeno, minguido, e debil em tudo, os successos do meu heroe n'este novo theatro de seus tormentos. Não espereis achar desenhos acabados: lançarei apenas alguns traços soltos.

Ora instrumento, ora victima das ambições dos mouros, fôra o nobre filho de D. João levado emfim ás mãos do mais barbaro Xequé da Mauritania, o cruelissimo Lazaraque. Esgotaram-se martyrios e tratos, mas não se esgotou o patientissimo soffrimento do novo cordeiro. Tendes-lo visto já enfermo, abandonado, cuberto de affrontas e improperios, privado da luz e do ar livre da terra.—Ve-lo-heis agora, arrastado nos mais vis misteres, entoar como sempre os louvores do seu Deus.

Nas cavalharices do tyranno foi elle deparar com seus infelizes companheiros. Bem dizia já o martyr aquelle momento de consolo ainda comprado pelo prego de tamanha abjecção, já descerrava os labios para derramar por elles o coração, já todos devoravam o espaço com as vistas e anciavam pelo momento de se abraçarem de novo. . . . mas a cruesa era maior que toda a esperanza. Os escravos do monstro não lhes consentem nem fallar nem aproximarem-se, e ei-los renovando os tormentos de Tantaló e de Sisypho, não já fabulados e ficticios; mas reaes e duramente verdadeiros.

Que linguagem de dôres fallariam aquelles olhos, e que reluctar de agonias se passaria no intimo da alma dos tristes!

É noute:—descei essa immensa escadaria tortuosa, entrai n'essa furna tremenda. Que achais?—Se quereis alevantar-vos, a vossa cabeça irá esmigalhar-se de encontro aos angulos da desigual abobada; se tendes precisão de resfolegar, immunda-vos o peito humidade infecta, se quereis descangar o corpo na terra, serão vosso leito agua fetida e limos apodrecidos, se palpais com as mãos em roda achareis em pouco os limites escabrosos da estreita prisão; roçareis a cabeça por craneos despídos e se a quizerdes reclinar momentos no rude penedo, que

(*) Vide a nota a pag. 327 no fim do presente art.

ahi pozeram por cabeceira, manchar-vos-ha o rosto e as faces o frio contacto dos reptis venenosos. — Descei. Aqui é noite sempre, e mais noite do que a mandada por Deus a enegrecer a terra: cuidareis palpar as trevas. — Descei. Suffoca o ar grossissimo. Regelam e anceam as putridas exhalções das aguas represadas. É o mais fundo cabouco dos alcerces de um baluarte antigo. Escorre-lhe por todos os lados a humidade, e as ondas do rio quebrando ao sopé da torre uivam medonhamente augmentando o horror de tamanho horror. — Descei. Que vedes, ou antes com que deparais? Com um corpo humano. É o de um christão, o de um santo, o do martyr de Fez. Respira ainda, ainda de seus labios sahem preces ferventes. — É o espirito que ainda lampeja ao despegar da vida. São os rumores da oração os unicos sons de homens que ouvis ahi: são tambem o derradeiro pedir pelo mundo porque o santo que se exhala n'elles já é mais do céu que da terra.

“Quem vem ahi perturbar a solidão do meu sepulchro?” Perguntava uma voz fraca, mas suavissima vindo das ultimas raizes do baluarte.

“Um crente honrado, bom christão.”

Respondeu outra notavelmente commovida, que vinha da parte superior. É o bruxulear incerto e fraco d'uma lanterna começou a povoar de sombras movediças o curto espaço, que esclarecia. Depois de longo ecoar de passos lentos um velho venerando descia o ultimo degrau da escada tortuosa. Alva como neve pendia-lhe no peito amplamente donosa barba. Raras brancas lhe assombravam o rosto sereno e di-lo-hieis um apostolo se a aljuba mourisca lhe não pendesse dos hombros. O aspecto d'este ancião e d'esta luz pareceu abalar singularmente o martyr que ha tanto não via luz nem homens. A serenidade do semblante do velho, seu ar grave, e seus ademanes firmes seguros e decedidos por entre aquelle grande horror, como que tinham seu tanto de sobrenatural e mystico. — Immoveis e absortos largamente se contemplaram o velho e o martyr. Admiravam-se mutuamente.

Depois o seguinte dialogo teve logar entre ambos.

“Que motivo poderoso vos trouxe aqui, venerando ancião, a este immundo covil de reptis que o Senhor meu Deus se ha dignado tornar-me formoso jardim de delicias?” — perguntou o infante.

“Credes vós — respondeu o mouro — que não hajam em Fez almas compadecidas que se doam de tão amargo penar como esse que ahi tão placidamente soffreis? Allah é grande, Allah é o soberano Deus de todos. Não, elle não quer que na terra do propheta os homens sejam peores que feras. Nem todos aqui são como o Lazaraque. O proprio rei tem compaixão da tua miseria.”

“Que a tenha de sua alma infiel e perdida.”

“Mancebo, escuta-me. Não venho trazer-te palavras de crueldade ou de simples dó. Attende-me até ao cabo. — O proprio rei te compadece. Mas o tyranno Lazaraque vale aqui mais que todos. D'elle treme o soberano porque lhe deu a sua corôa, e pôde talvez tirar-lha. Todos os crentes fieis igualmente o arreceiam, porque esse incrêo tem vivido má vida de manhas e trações e espanta toda a Mauritania com o arruido de suas ferasas: só não o temo eu. O rumor do teu captiveiro estendeu-se por toda essa Mauritania e se o povo feroz te affronta, muitos musulmanos, sabendo da santa vida que fizeste e da que ora levas, te lamentam em suas almas e desejam salvar-te á liberdade.”

“Essa já pouco ahi tardará para mim” — e o martyr sorria cruzando as mãos no peito.

“Pouco sim — acudiu o ancião interpretando mal o sentido das palavras do infante. — Pouco, porque eu fui um d'aquelles, e resolvi comigo de acabar o teu captiveiro.”

“E se o Lazaraque o souber.”

“Que o saiba — embora. Ai d'elle se ousar erguer mãos violentas contra o protegido de Mahomet, que viu e adorou o tumulo sagrado! Ai d'elle! A Mauritania em peso se alevantaria para me servir de adarga, cingir-me-hia um muro de ferro e o minimo aceno em meu damno seria o signal da sua inteira ruina, que sou eu o mais respeitado Haggi (1) de quantos tem feito a santa romagem de Méca. Para chegar a esta horrenda prisão é mister abrir vinte portas de bronze e descer quinhentos degraus. Pois eu pronunciei uma palavra e as portas franquearam-se, dei uma ordem e os guardas obedeceram. — Eis-me-aqui. Vem comigo, santo homem. Escudar-te-hei contra as ordens do monstro e por mim serás livre”

O martyr cravou os olhos no ancião que assim fallára e correndo-os depois pelos medonhos objectos que o rodeavam pareceu sustentar consigo mesmo uma lucta cruel. Por fim o espirito venceu. A placidez voltou-lhe ao semblante e a sua resposta foi digna da sua vida.

“Quando eu vim para o captiveiro haviam alguns homens de grande alma que a vaidade do mundo me dera por servidores, a mim desgraçado peccador. Esses homens podendo voltar á patria que os chamava e ao placido seio de suas familias, aonde levariam vida feliz e honrada, quizeram antes seguir-me fazendo-me o sacrificio de quanto doira existencia d'homens para o trocarem por grilhões e tratos mais crueis e pesados que os meus, porque elles innocentes não os tinham nunca merecido. É uma grande tentação o que disseste ahi, ó velho, mas o Senhor me deu forças, e eu estou resolvido a acabar aqui n'esta vida, miseravel sim, mas que me poupará o meu purgatorio na outra, porque o céu me fortaleceu contra o desespero, e paciente e resignado tenho offerecido as minhas dôres em desconto dos males que fiz. Não sou eu só que soffro, outros, sem culpa, comigo e por mim padecem. A esses devo a minha vida e o meu penar.”

O mussulmano ficou instantes sem fallar. O infiel tinha visto muito, mas nunca víra tamanha virtude.

“Mas se tu voltares á tua terra — acudiu elle depois de larga pausa — poderás em breve resgata-los. És moço ainda, longos annos de vida parece haverem-te sido destinados. Queres tu por teu proprio alvitte negar-te a voltar ao mundo, ao sol e ao ar? — Se tens peccados o grande Allah tos perdoou, porque não ha tamanho peccado na terra que um tal soffrer acompanhado de firme arrependimento não valha a apagar para sempre. Christão, vem comigo. Contas por nada tornares ainda a ver o teu bello paiz, teus amigos que te creem morto, e teus irmãos que te choram saudosissimos. Crés que a vida não possa ter já prazeres. . . Eis-me-aqui á borda do tumulo, eis-me já com um pé na eternidade, e, com tudo, ainda as flôres da primavera me alegam, alegre-me um sorriso de bem-querença e muito mais uma caricia de parente. Tudo isto poderás tu gosar ainda largamente. Vem comigo.”

“Jesus, valei-me!” — bradou o nobre infante erguendo a cabeça do seu penedo e ajoelhando custosamente no podre chão de limos.

Depois ouviu-se longo espaço o surdo rumor d'uma oração ardente e fervorosa. — O Haggi immovel

(1) Peregrino. — Eram tidos em grande conta e grandemente respeitados por todos os mussulmanos.

junto do santo, mal podia acreditar seus olhos, custando-lhe a crer que aquelle homem que fôra grande e nobre, e que via agora alli, mirrado e secco e decrepito aos 40 annos, pôdesse resistir á idéa de passar do mais horrído covil ao mundo dos vivos, e aos gozos do mundo. Tanta virtude que só podia ser avaliada por um christão.

Apoz consideravel espaço decorrido assim, o infante ajoelhado ainda cravou os olhos no Haggi. Tinha o rosto radioso e uma como aureola santa lhe circulava a illustre fronte.

“Bom mouro — disse elle em fim — Deus te perdoe o amargo transe porque me fizeste agora passar. Mas não vas outra vez tentar assim uma creatura d’este mundo. — Nem sempre o céu deixa cahir tamanha porção de força n’um coração, por esse modo abalado, que valha a repellir ataques tão destruidores.”

“E que dizes do que te offereço?”

“Que o rejeito!”

“Mas pensa”

“Tenho pensado. — Respirar sequer um instante o ar puro lá de cima; ver de novo a formosa face da terra e contemplar o dia e a noite do Senhor. — Elle o sabe — fôra já para mim um deleite como celestial. Mas gosar eu os beneficios da vida em quanto no coração e na consciencia me pesasse . . . mouro, pôdes tu dar a liberdade a todos os captivos?”

“Tem-os separados o tyranno e em carceres diversos. A nova da fuga d’uns seria signal de mais segura vigia e talvez de morte para os outros. . .”

“Mouro, pôdes ir-te. Este carcere hade ser o meu tumulo.”

“E cousa nenhuma na terra pôde mudar essa resolução?”

“Nada.”

“Christão, fôras um santo se á sombra do sagra-do al-coran vivesses.”

“Mouro, apesar de mouro, rogarei a Deus que te abra os olhos á verdadeira luz.”

Passou-se curto momento de pausa. O haggi venerando deixou pender a cabeça no peito e sahiu murmurando:

“Está escripto no céu o que hade acontecer na terra! (2)”

(3) Era uma quarta feira 5 de Junho de 1443. Bramiam as vagas tempestuosas do rio mordendo os alicerces da torre, e a noite grossa como as nuvens da tormenta, pesava nos ares e na terra. — Na masmorra do martyr passava-se uma scena edificante.

Meio cravado no lodo o já quasi cadaver do infante, reclinada a cabeça no penedo anguloso, morta toda a acção e só vivos os espiritos, chegava ao martyr o termo tão desejado ao captiveiro d’alma, que livre lhe adejava ella já nos labios moribundos, prestes a voar para o seio do seu Deus. — Resava ainda devotamente o predestinado, e comprazia-se em chamar com os nomes dulcissimos do coração pelo Senhor, cuja eternidade estava alli quasi a ponto de medir.

Junto delle orava com fervor um sacerdote respeitavel. Tinha nos labios o perfume do céu e nas

vistas candidas a placidez d’uma saã consciencia. Talvez de envolta com a oração bem naturaes reflexões lhe viessem — as idéas da passada grandeza comparadas com aquella infima desgraça — mas em nada alteravam ellas o socego do seu espirito, bem como em nada se revellavam, a não ser nas vistas respeitadas que de quando em quando lançava ao moribundo. O instante derradeiro era chegado. Só aguardava o suspiro extremo.

Mas o sacerdote não era já o digno Fr. Gil Vazquez, o bom confessor. — Morrêra esse entre os barbaros. — Era outro santo missionario, era Fr. Pedro Vaz.

“Reverendo, dai-me a vossa benção, pois sinto que vou comparecer diante do Eterno — murmurou quasi inintelligivelmente o martyr.”

“Não vos pôde abençoar um peccador que das vossas benções carece — respondeu Fr. Pedro. — Abençoe-vos o Senhor.”

“Amen — tornou o infante, e depois de um longo desmaio teve ainda força para romper nestas palavras:

“Quereis, meu padre, receber ainda o abraço d’um moribundo.”

“Se quero!” — acudiu lagrimoso o sacerdote.

“Pois abraçai-me — balbuciou penosamente o santo — e promettei-me que este abraço o restituireis vós aos meus amigos fieis . . . aos companheiros do meu captiveiro . . . e se algum dia voltardes ao reino . . . a meus irmãos. . . É quanto pôde legar-lhes um captivo . . . que vai agora descaptivar-se.”

O bom sacerdote soluçava abraçando-o.

Depois contou elle que percebêra ainda por algum tempo um como som confuso de preces e um mover compassado e placido de labios, rematado a final com um suspiro suavissimo em que fugira o nome de — “Jesus!” —

Vinte e sete annos depois á frente da flor da sua nobreza, marchava elrei D. Affonso 5.^o para as margens do Tejo seguido de immensa turba de povo. — Acompanhava-o o clero principal com as magestosas insignias das solemnidades religiosas.

Que grande successo motivará tamanha pompa de cruces, pallios, e confrarias? — Que terá elrei que esperar de longe?

Pela foz do rio entrava magestosa uma galé que vinha d’Africa. Á sua vista rei e nobreza e clero e povo, todos se descobriram. — É porque dentro vinham os ossos d’um santo.

D. Affonso 5.^o continuára a obra de D. João 1.^o — Arzilla pagára Tangere.

E o martyr de Fez descansou emfim á sombra do seu brazão real debaixo das venerandas abobadas de Santa Maria da Victoria, vulgarmente chamado, o convento da Batalha.

Silva Leal — Junior.

NOTA.

(*) É na verdade difficil tarefa esta de amenisar cousas que de sua natureza convidam pouco, geralmente fallando, á leitura; particularmente quando a esta leitura leva a esperanza de encontrar deleite. A vida do meu infante cifra-se unica e simplesmente em duas cousas — soffrer, e soffrer como christão. — As diferentes situações em que se acha, e os diversos incidentes por que passa, servem só para comprovar e melhor affirmar a pratica, subli-

(2) Esta circumstancia de ser offerecida a liberdade ao infante é em todo o ponto verdadeira. Unicamente usei de alguma liberdade nas circumstancias.

(3) Muitos successos ommitti aqui mas como esses seriam apenas narrativos e mais dizem respeito á historia do reino, por isso os não menciono: a morte de D. Duarte: a regencia do infante D. Pedro que mandou embaixadores a tratarem do resgate do martyr, ficando mallogradas as diligencias pela perfidia do Lazaraque, &c.

me sim, porem uniforme, daquella sua rara virtude. Derramado por um só quadro póde esta cor fazer-se agradável e recrear, se bem que a preço de longo trabalho; mas espalhada por tantos strictamente precisos para a noticia, conhecimento e andamento desta somma de capitulos, divisões ou o que quizerem — que chamarão com o nome que melhor lhes parecer — é, alem de difficilimo e improbo, quasi, a meu ver, irrealisavel. — Sobre o romancear a historia acodem-me agora ao entendimento algumas reflexões que lançarei aqui pelo modo com que me chegam, sem alinda-las nem aprimora-las, e perdoe-se-me se talvez converto esta nota em prefacio: uma e outro são quasi sempre a incognita de um livro.

Depois que o gosto dos romances historicos — stigmatizado, despresado e anathematisado pela sisuda gravidade classica, sujeita a frequentes enjões quando se trata de descer das ramas chronologicas ao exame severo, consciencioso e tenaz dos usos, hábitos, e da idéa mãe d'um seculo e d'um povo; exame que se for teimosamente proseguido pelos raros que se atrevem a ser assim extra-classicos, tornará brevemente as novas cabeças romanticas iguaes no alvejar ás velhas fronte aristotelicas e horacianas, que nos querem á força fazer gregos e romanos; exame que nestes ultimos tempos de frivolidade romanceadora tem generalizado, propagado, e tornado desejavel a historia, muito mais que todos os sequissimos e seccantissimos tratados genealogicos; exame emfim que dá mais conhecimento e valor a esses tempos tão incognitos, do que as venerandas relações, esquecidas nos cantos das livrarias, com grande jubilo dos vermes que sós se entreteem com ellas, em quanto o romanceador amaldiçoado não vai sacudir-lhes a poeira para lhes tirar algum succosinho prestavel, que ainda por lá haverá involvido em grande somma de semsaborias, e vesti-lo de modo que seja procurado, festejado e se faça amavel. — Depois que o gosto dos romances historicos, dizia, se espalhou pelo mundo litterario, começaram por toda a parte a resurgir as antigas tradições mais ou menos enfeitadas, mais ou menos poeticas e formosas, segundo o genio e propensão dos seus evocadores. Algumas dessas tradições eram já de si tão dramaticas que não podiam deixar de excitar vivo interesse e de prender e arrastar; outras porem faltas de vida e de cor, se deram em mãos habeis, fizeram-se apenas soffríveis; se cahiram em capacidades mesquinhas, inexpertas, ou pouco versadas, ficaram tão enfadonhas, absurdas e semsabores como o preceito das tres unidades. E eis-ahi porque muitas vezes a acção, passada na epocha mais brilhante e dramatica d'um povo, póde parecer insulsa e descorada. — O romance não deve pois ser escravo da historia. Não caminhe o poeta pela estreita vereda d'um facto, não se cinja aos limites d'uma chronica, não quebre as azas á imaginação, nem lh'as prenda com o laço de tal ou tal successo. Abrigue-se á sombra della, conserve-se-lhe ao lado, rasgue-lhe uma pagina quando lhe for precisa. — Ou cria as suas personagens ou lh'as pede emprestadas. No primeiro destes casos dê-lhe paixões suas, porque as paixões são de todos os tempos, mas encaminhe-lh'as segundo o espirito do seculo em que as collocou e a indole e as idéas dos homens dessa idade. No segundo não conte o que os heroes fizeram ou o que se lhes attribue, estude, rumine, assente-se no centro da epocha em questão, busque ve-la claramente no todo, e faça-os obrar, pensar e fallar como fallariam, pensariam e obrariam, e não como tal ou tal chronista ou historiador affirma. A

acção é mais difficil que a narração. — O romance assim entendido fica uma das mais perfectas e mais arduas feitura do homem. Não é já a chronica circumscripta d'um facto: não. É o desenvolvimento, a descripção, a historia philosophica d'um pensamento grande, d'um seculo e d'uma nação. Não é o succinto e apertado d'um acontecimento. São as grandes feições, as dimensões gigantes. Não é a cousa individual. É a idéa. Certo que neste caso são incalculavelmente maiores as difficuldades; mas tambem não podem ser comparados os resultados. Se tem o poeta de alargar immensamente o circulo do seu estudo, alarga proporcionalmente a esphera dos affectos, e ei-lo livre para se auxiliar da imaginação. — O escravizar o romance á historia tem sido, creio, o pensamento dominante. Mas para que melhor se lhe conheçam os inconvenientes, compare-se a maior parte dos romances modernos com os felizes ensaios ultra-historicos já feitos. *Cinq-Mars* passa pelo mais acabado romance historico deste tempo, e todavia *Notre Dame de Paris* é livro muito mais para se ler. É porque *Victor Ugo*, senhor de si e da epocha, descreve, retrata um povo e um seculo, em quanto *Alfred de Vigny*, manietado e circumscripto, apenas caracteriza individuos; bem na verdade, porem com muito menos brilho, formosura, e interesse do que o primeiro. Muito adiante me levaria o pensamento se já não fôra mais que tempo de fechar esta nota ou o quer que seja. Depois de tudo o que leve dito perguntarão — «E porque, pensando assim, tão rigorosamente obedeceste aqui á historia?» — Responderei. — O Infante Santo é uma cousa sem nome. Não é romance porque não tem vida. Não é chronica, porque para chronica omitto muita circumstancia. Tambem não é narração simples, porque ás vezes tomei a liberdade de poetisar uma ou outra scena. É uma serie de artigos, pouco regrados e correctos na verdade, porem feitos com um fim moral. — Nem eu sei se poderia ou saberia dar outra resposta.

Mais um guloso de côcos. — Ha uma especie de caranguejos terrestres, mui commum na ilha de Keeling, na America, e que cresce a prodigioso tamanho. Teem estes animaes um par de mordazes mui fortes e pesados, e o instincto de com ellas abrirem a casca dos côcos: começam rasgando a capa exterior fibra por fibra, e assim que chegam á interior mais solida, martellam com as garras na cavidade do lado do pé do fructo até que fazem um buraco, por onde com as pinças das mesmas extrahem o miolo do côco.

Estimação que os tureos fazem dos gatos. — O cão, leal companheiro do homem, é repulsado em todas as regiões onde o islamismo domina; e talvez que dahi proceda o chamarem-se tanto os mouros como os christãos mutuamente perros; porque os primeiros tem este nome por infamante, e julgam que as cousas em que tocam os cães ficam impuras. Pelo contrario, o gato, o mais desagradecido e o menos susceptivel de affeição entre todos os animaes, é o válido assim dos barbados guerreiros, como das formosuras do harem; com elle comem no mesmo prato, e com elle dormem os musulmanos quer velhos quer moços: e tudo porque diz a tradição que um bichano era o divertimento estimado de Mafoma. — *Viagens de Spenser.*

A AMBIÇÃO se recommenda frequentemente por amor do bem geral; os tolos a acreditam, os prudentes suspeitam, os sabios a desmentem,